

Em 2017, foram registados 1.339 novos casos de cancro

## 47% dos doentes oncológicos morrem antes dos cinco anos



Elementos que constituem a equipa que elaborou o novo registo oncológico.

O JM antecipa os dados do registo oncológico que hoje são apresentados, segundo os quais 47% das pessoas que sofrem de cancro acabam por morrer nos primeiros cinco anos após o diagnóstico. Só em 2017 surgiram mais 1.339 novos casos.

Na última década, o cancro tem aumentado na Madeira ao ritmo de

100 novos casos, por ano. De acordo com o novo Registo Oncológico da Região Autónoma da Madeira, que hoje é apresentado na sala de conferências do Hospital Dr. Nélio Mendonça, em 2017 surgiram 1.339 novos casos de cancro na Região.

Porém, a análise estatística que o novo registo oncológico da Madeira apresenta considera apenas 1.086 casos de doentes novos, deixando de fora os carcinomas da pele que, por serem muito frequentes e estarem subregistados, não são considerados na estatística mundial, pelo que, por uma questão de uniformização dos critérios, também não são tidos na estatística regional.

Assim, considerando os 1.086 novos casos em 2017, 52% dos doentes oncológicos na Madeira são homens e 48% mulheres. A média de idade é de 66 anos, em ambos os sexos, sendo o grupo etário mais afetado o que se encontra entre os 70 e os 75 anos.

De acordo com os dados do novo registo, a taxa de incidência (número de casos, por 100 mil habitantes) na Região Autónoma da Madeira, padronizada para a população europeia, é, nos homens, de 420 casos e, nas mulheres, de 278 casos. Em proporção, há mais homens madeirenses a padecerem de cancro do que homens do continente, pois a taxa de incidência nacional é de 395 casos, por 100 mil habitantes. Já a taxa para as mulheres é igual nos dois territórios.

A maior incidência de casos de cancro nos homens poderá ser justificada, segundo a coordenadora do Registo Oncológico da Região, Carolina Camacho, pelo tipo de tumores mais frequentes, que no caso da Madeira são o do pulmão e o da cavidade oral e da laringe (cabeça e pescoço).

Estes cancros estão associados a hábitos de vida, nomeadamente ao consumo de álcool e de tabaco. E, por serem diagnosticados numa fase avançada da doença – estádios 3 ou 4 –, em que muitos doentes já estão metastizados, as taxas de sobrevivência ao fim de cinco anos são inferiores às de outros cancros.

Com efeito, os tumores da cabeça e pescoço têm uma taxa de sobrevivência de 30,4% e os do pulmão de 10%. De resto, o cancro do pulmão e os tumores primários do sistema nervoso central – cérebro – (9,8%) são os mais mortíferos, na Madeira.

# 52%

DOS CANCROS REGISTRADOS EM 2017 NA MADEIRA SÃO EM HOMENS

# 66 anos

IDADE MEDIANA DO DOENTE ONCOLÓGICO NA RAM

# 47%

PERCENTAGEM DE DOENTES QUE MORREM NOS PRIMEIROS CINCO ANOS APÓS DIAGNÓSTICO

# 9,8%

TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DOS TUMORES NO CÉREBRO. O MAIS MORTÍFERO

# 10%

TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DO CANCRO DO PULMÃO. O SEGUNDO MAIS MORTÍFERO

# 80,3%

TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DO CANCRO DA MAMA. O MENOS MORTÍFERO

# 78,7%

TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DO CANCRO DA PRÓSTATA

Pelo contrário, os tipos de cancro onde há maior taxa de sobrevivência ao fim de cinco anos são os tumores da mama (80,3%) e o da próstata (78,7%).

De acordo com a coordenadora do Registo Oncológico da Região, a sobrevivência global na Madeira ao fim de cinco anos, em todos os tipos de cancro, é de 53%, o que significa que 47% das pessoas continuam a não resistir à doença. Mas o cenário já foi pior.

“Nos últimos anos, temos visto uma tendência crescente. Nós já tivemos uma avaliação na Madeira, em que a nossa sobrevivência ao fim dos cinco anos – eu não sei precisar o ano dessa avaliação - foi de 44%”, comentou Carolina Camacho.

Para a especialista, há duas razões que se destacam para a evolução dos números. Por um lado, o maior conhecimento da doença e os tratamentos inovadores que têm sido aplicados e, por outro lado, o investimento na deteção precoce da doença e no rastreio.

Atualmente, a taxa de mortalidade verificada coloca a Madeira num lugar “mediano” quando comparada com outras regiões do País. Em 2017, a taxa de mortalidade foi de 153,8, por 100 mil habitantes.

## PATOLOGIAS MAIS FREQUENTES

Segundo o registo que será hoje apresentado no hospital, na presença do secretário regional da Saúde, na lista dos seis cancros mais frequentes na Madeira em 2017, o da mama ocupa o topo (156, todos em mulheres nesse ano), seguido do cancro da próstata (141), tumores do colon e do reto (133), cancro do pulmão (108), cabeça e pescoço (72) e os tumores do útero (53).

Comparando estes valores com a realidade nacional [ainda que os dados mais recentes do País sejam de 2010], verifica-se que a taxa de incidência dos cancros da cabeça e pescoço e do pulmão é superior na Madeira face ao resto do País, correspondendo a uma diferença de 47 para 32 casos e de 61 para 45 casos, por cada 100 mil habitantes, respetivamente.

O cancro da próstata é também superior na Madeira, embora de forma ligeira. Já a incidência do cancro da mama e do reto é semelhante à do continente, enquanto o do colon é inferior na Madeira. Os tumores do útero – colo e corpo do útero – são mais frequentes na Madeira do que no País, numa relação de 29 para 23 casos, por 100 mil habitantes.

habitantes.

Embora não faça parte dos casos mais comuns, o cancro do pâncreas destaca-se entre as mulheres madeirenses pelas piores razões. No continente, a taxa é de 3,6 casos, por cada 100 mil mulheres, mas na Madeira é de 10,1, correspondendo a quase ao triplo da incidência nacional.

## Registo pode ajudar a melhorar resultados

O registo oncológico na Madeira nasce de uma imposição legal nacional, que veio regular o Registo Oncológico Nacional, a partir de 1 de janeiro de 2018, unificando-o numa plataforma informática única, para onde convergiram os quatro anteriores registos existentes no País (ROR sul, ROR centro, RORENO e RORA). A Madeira estava inserida no ROR sul e sempre realizou o seu registo, nos últimos 20 anos através do empenho de Cláudia Fraga.

Mas o novo modelo permitiu que o País passasse a registar com os mesmos critérios todos os dados relativos à doença oncológica. Com esta mudança surgiu também uma reestruturação do grupo de trabalho, estando atualmente

a coordenação regional a cargo de Carolina Camacho e as coordenações locais entregues a Cláudia Fraga e José Camacho.

O registo oncológico é um sistema de colheita de dados de indivíduos com o diagnóstico de cancro, em que a principal fonte de informação é o processo clínico do doente. O registo complementa-se com os registos de saúde e os registos centrais. Os primeiros permitem obter a informação particular do doente, o tipo de tumor, o diagnóstico e o tratamento, enquanto os registos centrais são baseados em dados populacionais, taxas de incidência, distribuição geográfica e o padrão de tratamentos consoante a área ou a instituição. “Há um registo exaustivo de tudo o que são dados concretos relativos à doença oncológica”, explicou, ao JM, a coordenadora Carolina Camacho, que hoje apresenta publicamente este registo na biblioteca do Hospital Dr. Nélio Mendonça. O registo inclui a colheita de informação demográfica, histórica médica, achados diagnósticos, dados terapêuticos e seguimento dos doentes nos anos seguintes.

“Os dados colhidos podem ser utilizados para a realização de pesquisas segundo critérios específicos definidos pelo investigador (tipo de tumor, género ou grupo etário, distribuição geográfica, etc.), mas também para a avaliação dos cuidados de saúde, dos tipos de tratamento, das taxas de sobrevivência populacional, da deteção precoce de recorrências, etc.”, esclarece Carolina Camacho.

Alargando o espetro, o registo serve ainda para “desenvolver critérios e procedimentos que visam melhorar os resultados oncológicos, a criação de bases de dados, a implementação de programas oncológicos na comunidade e atividades de rastreio e deteção precoce e a coordenação da atividade oncológica na instituição.

Concluída a recolha, os dados oncológicos deverão ser depois reportados ao registo central nacional.

Alberto Pita

In “JM-Madeira”